



OS FILHOS DO MEDO





OS FILHOS
DO MEDO

RUTH GUIMARÃES

ATUAL CONCEITO DE DEMÔNIO NA
TRADIÇÃO BRASILEIRA





DIVISÃO DA MATÉRIA

À GUIA DE PREFÁCIO	3
LOCALIZAÇÃO	12
CENÁRIO RURAL	15
PARTE UM	19
O INFERNO E SEUS CAMINHOS	21
O INFERNO	23
...E SEUS CAMINHOS	64
O GRANDE DECAÍDO	66
CONSIDERAÇÕES GERAIS	69
VARIAÇÕES SOBRE O DUALISMO	79
PERSONALIZAÇÃO	82
PROCESSOS DE FUNÇÃO	90
TERMINOLOGIA DIABÓLICA	93
PAREMIOLOGIA	117
PARTE DOIS	149
CRENDICES E SUPERSTIÇÕES	150
AS ÁRVORES NA TRADIÇÃO ORAL	153
ENCRUZILHADA	155
CORTE DEMONÍACA	156

PRINCÍPIOS DE MAGIA CONTAMINANTE	165
OS NOVE DEMÔNIOS	168
PARA ENCONTRAR OBJETOS PERDIDOS	169
PARA DOMINAR O DEMÔNIO	171
ANIMAIS DO DIABO	172
TENTAÇÕES	175
OS MEDOS DO DIABO	177
O DIABO PROFESSOR	202
PARTE TRÊS	207
SANTOS RELACIONADOS AO DEMÔNIO	209
A LENDA DO CANTADOR	218
ANDEM POR TRÊS	228
CONTOS DE EXEMPLO	237
CICLO DO DEMÔNIO LOGRADO	244
HISTÓRIA DA BRANCA-FLOR	247
O SARGENTO-DE-PAU	257
OUTRAS HISTÓRIAS	264
APÊNDICE	269
DEMÔNIOS MENORES	270
A TAPERA DA LUA	273
BIBLIOGRAFIA	291
SOBRE A AUTORA	305
SOBRE O PROJETO GRÁFICO	307

IN MEMORIAM

AMADEU DE QUEIROZ
EDGARD CAVALHEIRO

À GUIA DE PREFÁCIO PARA UM LIVRO LIBERTADOR

JOAQUIM MARIA BOTELHO

Este livro recupera manifestações do medo, um dos quatro gigantes da alma, no dizer de Mira y Lopes. Gnomos, duendes, assombrações, sacis, mulas sem cabeça, diabos e demônios, envolvidos nas mais diversas e arrepiantes situações que o povo se encarrega de fazer perdurar na memória dos descendentes pelo reconto, pela tradição oral.

A autora, Ruth Guimarães, recolheu histórias como quem garimpava ouro, no tempo em que ouro havia. Foi menina arteira, e convivia com as famílias dos peões e colonos da fazenda que o pai administrava, no sul de Minas Gerais, no início da década de 1920. Preferiu sempre a companhia dos mais pobres, dos desvalidos, dos esquecidos. Participou de suas vidas e de seus mistérios. Deles ouviu, com toda a atenção do mundo, os relatos de princesas e príncipes, das espertezas dos caboclos, das andanças de São Pedro pelo mundo, e das aventuras dos animais, do tempo em que os animais falavam. Depois, regalou-se com as histórias contadas pela avó, ao pé da fogueira, nas noites límpidas de Cachoeira Paulista, no estado de São Paulo. A avó traduzia, para a neta menina, as tradições dos índios e dos negros. E Ruth ouviu, muito direitinho. Estremecia, a menina

O S F I L H O S


D O M E D O

P A R T E

U M



O INFERNO E
SEUS CAMINHOS



Melhor seria, talvez, que este capítulo e os dois seguintes fossem chamados: “Os filhos do medo”, pois aqui se vai tratar exclusivamente de obra do mais terrível de todos os medos – o medo da morte. Por obra e graça do medo da morte, que faz viver com a mais dramática intensidade, e retesa um por um o feixe de nervos que é o homem, temos um inferno, os demônios e deuses, os cultos, o pavor da outra vida e a esperança do céu. É ele o criador das mais descabeladas fantasias do céu e do inferno. Sensação primária da velha humanidade, persiste implacável através das idades. Fez derivar do culto do fogo e do sol, por antítese, o culto das trevas e dos espíritos sombrios. Povoou a luz de deuses e a sombra, de demônios. E assim ficou desvirtuada a função da sombra.

Que fariam os homens das cavernas, coração batendo encostado à terra, nos seus descansos entrecortados de sobressaltos, ambos virgens de corrupção, com terrenos insondáveis a serem desvendados, átomo a átomo na alma do homem, palmo a palmo na superfície e no interior da terra? Que poderiam fazer no seu imensurável espanto? Acossados pela fome e pelo medo, atiram-se a tudo. Acovardam-se diante dos elementos que não podem matar nem vencer, e dos quais não podem fugir, como fogem das feras, nos seus épicos desesperos de caça e caçador a um tempo. Não podendo se defender dessas potências insensíveis, pelos meios comuns, instintivos e brutais, tomam a

atitude impotente da caça perseguida até o seu último reduto. Ajoelham-se e esperam. Prosternam-se e resignam-se. Ainda não têm deuses. Fora de si mesmos só há inimigos. Inventam os demônios. Criam seres pavorosos, saídos da morte que os aterra.

Aqueles que só creem por temor, diz Chesterton, só podem crer no mal. Há motivos para acreditar que o Diabo apareceu primeiro do que Deus, embora as lendas digam o contrário.

Os homens primitivos, o que é até hoje verificável entre os selvagens, personalizam todas as coisas inexplicadas.

O homem é um animal gregário. Talvez fosse mais acertado dizer que é um animal medroso. Os homens agregam-se para se defenderem melhor. E são medrosos por que indefesos. Aterradora a consciência de sua pequenez e do seu medo, quando, segundo o expressivo simbolismo bíblico, “abriu os olhos e conheceu que estava nu” (*Gen. IV, 7*). Foi o medo que criou as sociedades primitivas. E então, na relativa segurança das tribos, buscam um refúgio mais alto e mais seguro: o céu.

Voltam-se para essa esperança que lhes mentirá depois e sempre.

Recém-saídos no nômade vagar por estranhos caminhos, homens vestidos de peles, comedores de frutas e bebedores do leite das cabras selvagens, iniciam o pastoreio. Nada mais natural que se ajoelhassem cada manhã e cada tarde, saudando o sol, em cujos raios advinham um misterioso poder vivificador. E nada mais natural que esboquem magias, baseadas na brutal imensidão do mundo que se abre em luminárias lá em cima. É o seu grande êxtase místico, aniquilados como estão diante da grandeza do universo.

Adoram as coisas cotidianas: o sol, a lua, as estrelas, os animais. Tal a simpleza desses povos sem tradições e sem inventos, sem heranças e sem atavismos, com um mundo nas mãos por acabar. Dentro desse pastor agita-se o caçador acuado, que endeusou o raio e o trovão e fez ressurgir a alma dos mortos.

Os egípcios, fixados às margens do Nilo fecundante, depois de um período de vida nômade, vivendo das dádivas do lodo, isentos dos pavores da outra vida e do inferno, amam o sol Osíris, Amon ou Rá; amam a lua – Ísis – e representam-na na figura de uma vaca. Oferecem aos mortos a bilha com água, o pão, as

frutas, numa sequência serena da vida. Esse uso é comum a gregos e romanos, que praticavam ritos de sepultura e ofereciam repastos fúnebres. Os hindus ofereciam aos manes a refeição que se chamava “*sraddha*” (*Leis de Manu, I*). Os antigos davam festas aos mortos porque os temiam.

Agora, um parêntese, para uma comparação com as tribos ameríndias. Em muitas regiões do México, os indígenas creem que os mortos têm as mesmas necessidades dos vivos. Seguem assim a linha de conduta dos naturais da margem do Nilo. Poderemos chamar, possivelmente, ideias elementares a esses rudes cultos dos mortos. Os totonacas, mais tarde conquistados pelos astecas, que adotaram sua religião e seus costumes, criam também que a morte é um novo estado de vida. E assim ofereciam alimentos e bebidas durante as cerimônias mortuárias (*Ana S. Cabrera – Rutas de América, 153*). Procedem do mesmo modo os indígenas do Iucatã.

Voltemos aos egípcios. Veremos que mais tarde imaginam a alma dos mortos julgada por Osíris, com quem viverão os bons. Os maus são devorados por um monstro ou queimados. E aí temos, em embrião, o diabo (o monstro) e o inferno (as almas queimadas). Nada de especialmente apavorante, e principalmente nenhum sinal de embaixadores infernais na terra. Continuam a adorar o falcão, o boi, o crocodilo.

Para leste do Egito, na Ásia, assírios e caldeus, em bucólicas paragens, iniciam o culto do sol e da lua: Shanash e Sin, aqui; Marduque e Istar, acolá. Têm, barbudos touros alados, venerados em toda a Mesopotâmia. Seus mortos transformam-se em sombras más e depois desaparecem. Os mortos principiam a perturbar o sono dos vivos e convergem para um ponto só – o espírito mau -, surgido da sombra e do medo.

Em oposição a Shanash, o sol, assírios e caldeus criam o espírito das sombras. Na misteriosa alquimia dos primeiros povos, da adoração do sol, que engendrou a criação desses espíritos – do medo do fogo e da morte, está sendo elaborado o nosso inferno.

Também os hindus, árias do vale do Ganges, povo irmão dos medas e dos persas, adoraram, a princípio, o sol, o fogo, o trovão – Indra, Agni e Vritra, segundo os Vedas.

os campos elísios, sem purgar as culpas no vento, na água e no fogo, espécie de purgatório embrionário.

As cerimônias purificadoras são comuns a todos os povos. Vestígio delas, o batismo cristão consagra a alma a Deus, por intermédio da água e do fogo. Segundo Ovídio, Eurípides e Catão, o fogo do lar deveria se conservar sempre puro. Nenhuma ação culpável poderia ser praticada em sua presença.

Entre nós, contemporaneamente, usa-se acender velas e lamparinas aos santos. Esta foi uma das inúmeras práticas pagãs modificadas e adotadas pela igreja católica.

Na Fazenda Campestre (Sul de Minas, 1929) os tabaréus ralhavam, quando alguém cuspi no fogo. “Não presta”, diziam. “Seca o cuspo.” E algum outro completava: “Não presta cuspir na água nem no fogo, porque a água é a mãe da gente e o fogo é o pai.” Vestígios prováveis da ciência do tempo de Plutarco, que considerava o fogo – elemento masculino, e a água – o elemento feminino, geradores de todas as substâncias. Muitas crenças como a do fogo sagrado datam de época em que não havia ainda gregos, nem romanos, nem hindus, mas apenas árias.

No inferno há caldeirões de água fervendo, dizem os caipiras do Vale do Paraíba. Isto parece modificação das primitivas funções purificadoras da água.

Babilônios e assírios, expulsavam os demônios do corpo em que se tivessem instalado, recorrendo à proteção de Ea, deus da água, e de Marduque, seu filho, deus dos esconjuros.

As águas, qualquer que seja a sua natureza, devem ser respeitadas e uma punição atinge aqueles que as profanam. Mencionem-se de passagem, as águas lustrais do Ganges e do Jordão.

“Urinar na água não presta”, dizem os roceiros do Sul de Minas. Essa crença é corrente também em Portugal, onde segundo Leite de Vasconcelos, é um pecado urinar na água. Na Suíça Alemã quem cospe na água cospe nos olhos do bom Deus. Na França cuspir nos rios é tornar a água abençoada pelo Diabo. Na Sicília, sete anos de purgatório punem aquele que urina na água. Os cafres olham as moléstias como consequências de ofensa a um rio. (Sébillot – *Le Folklore de France*, II – Pitre – *Usi e costume*, IV). Em Hesíodo (*Os trabalhos*

e os dias) há esta admoestação: “Não urines na corrente dos rios que correm para o mar, nem nos rios.”

Assim como não se pode cuspir na água, não se pode cuspir no fogo. Seca o cuspo. (Minas – Pedra Branca, 1929). Se se derramar leite no fogo, seca o úbere da vaca. Na Itália, o leite – referência ao leite humano, – daquela que deixa tombar algumas gotas no fogo, secará. (Nino – *Usi e costume abruzzesi*, Florença, 1881 – Sebillot, *Le Folklore*, 1913.)

E toda essa conversa sobre fogo e água faz lembrar uma associação de água, fogo e morte, comum em todo o Estado de São Paulo e possivelmente em todo o Brasil. Quando morreu alguém afogado e não se encontra o corpo, toma-se uma cuia, acende-se uma vela dentro e põe-se no rio onde está o afogado. A cuia vai descendo a correnteza e, no lugar onde o defunto parou, para também e fica volteando.

Afonso Arinos, em *Lendas e Tradições Brasileiras*, desenvolve o relato das festas de São João, e refere-se a pesquisas de folcloristas que fazem derivar essas festas dos cultos orgíacos de Artemísia. Ou serão reminiscências das piras simbólicas com que no hemisfério setentrional se celebrava o solstício do verão. As piras simbólicas das festas eneanas orientais, em que o sol queimado em efígie, diz Baissac, são as fogueiras que, nas festas cristãs, andam ligadas a João, o filho de Isabel. Vale a pena ler a respeito – *Lendas Cristãs* de Teófilo Braga, – que dá essa origem e mais: dá João como filho de Isabel, Elisabeth, e a crença nesta última procedente de Elissa e Beit, deusas pagãs, veneradas em Cartago e Éfeso, tendo a lenda cristã de João Batista, desse modo, suas raízes em antiquíssimos cultos da Ásia e da África.

No Brasil dos primeiros tempos, o único meio de afugentar as onças esfomeadas era acender fogueiras. E então, fosse festa, ou não fosse, era tudo fogueira. No mês de junho, o frio é mais intenso e a melhor maneira de aquecer-se é, até agora, pelo fogo. “Coberta de pobre é fogo”, diz o caipira. As festas joaninas, a de São João Batista, e, por extensão, de Santo Antônio e de São Pedro, no culto das quais é principal atributo o fogo, estão apoiadas em restos de tradições milenares trazidas pelos portugueses, aclimataram-se aqui depressa. Em Portugal há a lenda de São Pedro Gonçalves, ligada ao fogo-fátuo e às fogueiras. Será contada mais adiante.

Os nomes do fogo de Saint Elme são extremamente variados, diz Sébillot. Amadeu de Queiroz diz que sempre conheceu por Fogo-de-Santelmo a faísca elétrica que brilha muitas vezes nas extremidades elevadas e pontudas por ocasião de tempestades, e também na ponta dos mastros de navios. Do ponto de vista químico, o fogo-fátuo é inflamação de fosfureto de hidrogênio ou de protocarbonato (que é o metano). Santelmo (Fogo-de-Santelmo) é eletricidade, e as ardentias, fosforescências.

Na Europa, a maior parte dos nomes se liga a Santelmo, que, de acordo com as lendas da Bretanha e da Sicília, enviou o fogo-fátuo para prevenir e socorrer os marinheiros. Em todo o Mediterrâneo, acredita-se que Santelmo guia os navegantes. Porém, de ordinário, olha-se esse meteoro como sendo de natureza malfazeja. Os marinheiros de Malaca (1719) dirigiam-lhe pesados insultos, tomando-o por um demônio. Os marinheiros gregos dão-lhe tiros de fuzil, e tentam espantá-lo fazendo um grande ruído. Os fogos-fátuos são na Bretanha os Iutins, na Áustria uma espécie de *kobold*, na Itália, em Portugal e na França, na Alemanha, na Boêmia, são almas errantes ou culpadas. Em Creta, a criança morta pela mãe, ou sem batismo, transforma-se em fogo-fátuo. Esta última crença existe também nos Países Baixos, onde os fogos-fátuos se precipitam para a estrada, para mostrar a água que servirá para o seu batismo.

Ao fogo-fátuo chamavam os marinheiros portugueses: São Pedro Gonçalves, ou San Telmo. Os navegadores, assim que o viam, acudiam ao convés, a salvar com grandes gritos e alaridos (*História trágico-marítima* – Ed. Moderna, II, 128). Na *Arte de Furtar* há referência de São Pedro Gonçalves ou Santelmo.

A lenda de São Pedro Gonçalves, recontada por Pedro José Suppico de Moraes, na sua *Coleção Moral de Apophtegmas* – Lisboa, 1920 – dá uma explicação satisfatória, ao que parece, da fogueira com que se festeja esse santo.

Na região missioneira do sul, há o mito do mboi-tatá (cobra de fogo). Compadre e comadre que mantiveram relações sexuais olvidando o sacramento que os une, transformam-se em mboi-tatá, ou seja, em serpentes ou pássaros, que têm, em vez de cabeça, uma chama. Passam toda a noite queimando-se mutuamente até a madrugada, e assim todas as noites “per secula seculorum”, mesmo depois de mortos. (Juan B. Ambrosetti – *Supersticiones y leyendas*.)

O mesmo que, por exemplo, a mula-sem-cabeça, que em lugar de cabeça tem uma labareda. Dizem que é caseira ou comadre do padre (eufemismo para indicar a amante de um sacerdote); ou então comadre que “se dá” com compadre. De qualquer maneira, é o fogo, como castigo da profanação de um sacramento e continuando o seu milenário papel de purificador.

Temos entre os nossos índios o mito do mboi-tatá, cobra de fogo, deturpado para boitatá, batatá, no sul do Brasil, e, no norte, para batatão. No *Vocabulário de Crenças Amazônicas*, de Oswaldo Orico, há uma interpretação diferente para o vocabulário e discrepância na grafia. Assim: embaé-tatá, fogo-nada, variante indígena do fogo-fátuo.

A boitatá é ainda ñadú puitá, ou ñadu-Tatá (avestruz colorido-vermelho; avestruz de fogo) nas comarcas mediterrâneas do Paraguai, Paraná-Paraguai; carbúnculo, nas regiões próximas dos Andes; Teiniaguá, nas Missões do Paraná e Uruguai, estes parecidos com a mãe de ouro.

Nos incêndios, as cobras saem retorcendo do fogo, daí a crença no mboi-tatá, cobra de fogo, que protege os bosques, diz o Dr. José Veríssimo de Matos, em a *Religião dos Tupis-Guaranis*, – citação de D. F. J. de Santana Nery – *Lês Pays des Amazones*.

Em algumas regiões do Brasil, o boitatá é um gênio protetor dos campos. Pode se transformar em tronco, feito de brasa, que os índios chamam “meuan”. O tronco simboliza a divindade encolerizada, aplicando a pena de Talião a quem incendeia sem necessidade os campos. Assemelha-se muito, neste caso, à mãe do fogo, mito guarani do boitatá, nas campinas do sul.

Ao passar o viandante pelo sítio em que o fenômeno do boitatá se manifesta, devido ao deslocamento do ar a chama se precipita sobre ele, originando a crença de que o boitatá persegue as pessoas. Diz Cezinha Jaques (*Assuntos do Rio Grande do Sul*), que o homem do campo acredita que o boitatá é atraído pelo ferro. Por isso o gaúcho, ao deparar-se com ele solta o laço, arrastando-o pelo solo, vindo a chama a acumular-se na argola. Leia-se a respeito – *Lendas do Sul*, de J. Simões Lopes Neto – (*Mboitatá e Teiniaguá dos Cerros de Jarau*).

A crença nas más visões de almas penadas (mbai pochi ou angüe mbai) entre os guaranis é frequente. Atribuem os fogos-fátuos a essa origem e dizem

Numa versão grega, um rei, para ter filhos, prometeu o primeiro que nascesse ao Diabo.

Sabe-se de um tema semelhante, conhecido no Egito, 1500 anos antes de Cristo (Os dois irmãos).

Surgiu novamente, recontada por um contista italiano que o recolheu em um canto afastado da Europa ou da Ásia. Uma versão recolhida em determinada região não é encontrada nessa mesma região alguns séculos mais tarde, mas a centenas de léguas de distância (Genep).

Com referência às transformações sofridas em sua migração para o Brasil, será aplicável à lenda de Roberto do Diabo a, digamos, lei, das adaptações de Rosières: “Toda lenda que troca de lugar se transforma, para se adaptar às condições etnográficas do novo meio”. O nosso caboclo prolífico não tinha motivos para pedir um filho “nem que fosse ao Diabo”. Podia, sim, querer se desfazer dos filhos, entregando-os “nem que fosse ao Diabo”. Daí o mecanismo da transformação do “filho” em “afilhado” do Diabo. Veja-se, como exemplo, a difusão das histórias – *Joãozinho e Mariquinha* e *Pequeno Polegar*, cujas razões são assimiladas e compreendidas pelo capiau. Em abono da transformação do “filho” do Diabo em “afilhado”, ditada pelo inconsciente desejo de se descartar dos filhos, há a usança comum nos lugarejos mais atrasados de dar o afilhado aos padrinhos.

E aqui está a variante paulista, que, se por um lado tem elementos da lenda de Roberto do Diabo, por outro se aproxima das lendas cristãs do bom ladrão. Veio do Vale do Paraíba, contada por uma velha costureira de roupas de brim para homem (1940). Instrução nula. É assim:

Um homem não sabia a quem convidar para compadre, de tantos filhos que já tinha. Quando nasceu o caçula, falou à mulher que convidaria até o Diabo para padrinho do menino. Saiu e encontrou um homem muito bem apessoado. Convidou-o para compadre e ele aceitou. Depois do batizado, o padrinho carregou o afilhado. Ficou com ele sete anos. O pai ficou meio assustado, porque o padrinho nunca mais aparecia com o garoto e então veio a madrinha, que era Nossa Senhora, e se ofereceu para procurá-lo. Foi. O menino estava no inferno e o padrinho tinha lhe mostrado todos os quartos. Em cada

quarto estava uma cama cheia de fogo. A cama onde havia mais labaredas estava separada das outras. O Diabo falou: “Esta cama é para o maior ladrão do mundo, o ladrão Gaião”. Nossa Senhora apareceu e levou o menino para a casa dos pais. Ele contou então que o padrinho era o Diabo e contou tudo o que tinha visto no inferno. O ladrão Gaião soube e veio conversar com ele. “Menino, é verdade que você viu no inferno a cama cheia de labaredas que era para mim?” “Vi, sim. Meu padrinho é o Diabo e me contou.” Então o ladrão tornou a perguntar: “Você tem coragem?” “Tenho, sim.” “Tem coragem de me cortar em pedacinhos?” “Tenho.” Foram os dois para o meio do mato. O ladrão Gaião puxou uma faca e disse: “Vá me cortando em pedaços. Cada gemido ou cada grito que eu der, diga: Seja tudo pelo amor de Deus”. O garoto assim fez. Cortou o ladrão em pedacinhos. Quando ele gemia, o menino falava: “Seja tudo pelo amor de Deus!”. Em vista do seu arrependimento e do seu martírio, Deus o perdoou e o grande ladrão foi para o céu. Acontece que no alto de um morro deserto morava um monge que fazia penitência. A vida que levava era tão agradável a Deus que era servido pelos anjos. Estes lhe traziam o sustento de cada dia. No dia da morte do ladrão, o almoço demorou mais. “Vocês já ficaram brincando pelo caminho, outra vez?”, ralhou quando os anjos chegaram. “Não, senhor. Hoje nos demoramos porque houve festa no céu. O senhor não soube da morte do ladrão Gaião? Pois ele se arrependeu do que fez e foi perdoado.” O monge então falou: “Se o ladrão entrou no céu, quanto mais eu, que já em vida sou servido pelos anjos!”. Só por isso, o monge se perdeu e a cama cheia de labaredas do inferno ficou para ele.

Valerá a pena contar uma variante da história do ladrão Gaião?

Foi a mãe da autora quem a contou, mas sabemos onde foi buscá-la. A madrinha de seu marido era uma idosa fazendeira que curava com ervas e homeopatia. Contadeira de casos, como nunca se viu outra. Falava arrastado, sentada numa velha cadeira de balanço, e sabia ler o suficiente para seguir a missa pelo Devoto Josefino. Morava em Cachoeira, bem no alto, no começo da estrada que vai para Silveiras. É assim a história que contou entre 1920 e 1930:

O ladrão Gaião era o maior ladrão do mundo. E era atrevido, arrogante e perverso. Pois esse mau tinha um irmão que era um santo. Tão santo que, em

vida, já comia pela mão dos anjos. Todos os dias, nem bem dava meio-dia, vinham os anjos trazer-lhe maná do céu, para o seu sustento. Foi um dia, morreu uma criança sem batizar. Bateu no céu, foi-lhe negada a entrada. Mas tanto chorou, tanto pediu, que Deus ficou com muita pena e disse: “Tome este copo e volte à terra. Quando você o tiver enchido de água limpa, bem limpa, pode voltar que eu abro a porta”. O menino saiu chorando e, em todas as fontes, enchia o copo. Olhava-o contra o sol – a água estava suja. Então começou a clamar:

*Hoje mesmo nasci,
Hoje mesmo me criei,
Hoje mesmo morri,
Hoje mesmo me perdi.*

O ladrão Gaião, que estava sentado em cima de uma pedra, escutou aquilo e pensou: “Se aquele que hoje mesmo nasceu e morreu assim mesmo se perdeu, o que será de mim que sou tão pecador?”

Começou a pensar nos seus crimes e teve um arrependimento profundo e chorou. O menino passou por ele e viu as lágrimas. Aparou-as com o copo. Quando o colocou diante da luz, estavam tão limpas que cintilavam. Louco de alegria, correu ao céu e pôde entrar. Nesse mesmo dia o ladrão morreu e também foi para o céu. E, com tudo isso, os anjos atrasaram o almoço do santo. Bateu meio-dia e nada de almoço. Bateu uma hora e nada. Lá pelas três horas vieram os anjos. O santo perguntou: “O que foi que vocês andaram fazendo no caminho, que só agora é que estão chegando?”. Então os anjos contaram: “O senhor não sabe. Hoje houve festa no céu”. “Por que?” “Porque o ladrão Gaião se arrependeu e salvou-se. Foi para o céu e nós fizemos uma festa.” O santo teve um pequenino pensamento vaidoso. Um só e foi o bastante. Pensou: “Se o ladrão Gaião, que era tão pecador, se salvou, e eu então que já como pela mão dos anjos...”. No outro dia o santo esperou, e no outro, e, depois no outro. Os anjos nunca mais lhe apareceram para trazer comida.

Aqui subentende-se o inferno. O ladrão Gaião foi para o céu, e o santo se perdeu, foi para o inferno. Esta versão está muito distanciada da forma primitiva.

O afilhado do Diabo, que foi ao inferno, transformou-se no menino *que não pôde entrar no céu*, por não ter sido batizado.

Nas duas variantes paulistas, ao tema simples, juntam-se novos elementos, não modificando a contextura, mas acrescentando-lhe novos fatos, e o conto, como o rio, vai aumentando pelo afluente que recebe em suas migrações. O esquema é este: a relação do Diabo, ou com o inferno; a salvação pelo arrependimento, pela astúcia; com a ajuda de Nossa Senhora, de Deus, de um menino etc. Com estes três elementos básicos firmou-se a estrutura do conto. Tudo o mais é acessório e variável. O encadeamento é sempre o mesmo, nunca se repetindo, nunca retornando a um ponto já percorrido e também nunca alterado:

- a. *Pedido de um filho ao Diabo.
Entrega de um filho ao Diabo;*
- b. *Ida do filho/afilhado ao inferno.
Relações com o Diabo;*
- c. *Encontro com Nossa Senhora e persistência
na ida ao inferno;*
- d. *Volta.
Salvação do filho do Diabo.
Salvação do ladrão pelo arrependimento.*

A cena final de salvação está em todos os casos. Já se fez referência à história dos dois irmãos. No século XI, por transposição, possivelmente, Roberto da Normandia ocupa o lugar de um dos dois irmãos do antigo conto. Depois de ter envenenado o irmão, faz penitência e é perdoado. Passou à lenda, e nesta se vê a nítida influência do costume das peregrinações e do ritual cristão. E. Cosquin recolheu no século XIV a lenda simplificada, lembrando um retorno à fonte original – um homem que não tinha filhos consegue dois por influência do Diabo, com a condição de lhe ceder um. No século XV predomina a lenda de uma duquesa da Normandia que não tinha filhos e teve um por intermédio do Diabo. O filho mau se arrepende, faz penitência e é perdoado.

A seguir, para comparação, o quadro das variantes brasileiras de São Paulo e Minas:

VARIANTE MINEIRA	2ª VARIANTE MINEIRA	VARIANTE PAULISTA	2ª VARIANTE PAULISTA
Um homem tinha muitos filhos. Convida o Diabo para padrinho do último.	Um homem tinha muitos filhos. Convida o Diabo para padrinho do mais novo.	Um homem tinha muitos filhos, etc. O padrinho carrega o afilhado para o inferno.	Um menino morreu sem batismo e não pode entrar no céu. Voltou ao mundo cumprindo penitência. O ladrão Gaião ouvindo o coro da criança arrependeu-se de suas maldades
Ida do afilhado ao inferno.	Ida do afilhado ao inferno.	Nossa senhora foi buscar o menino.	Salvação do ladrão pelo arrependimento.
Encontro com Nossa Senhora.	Encontro com Nossa Senhora.	O menino conta como é o inferno, conta que viu a cama que era para o maior ladrão do mundo.	O ladrão Gaião tinha um irmão santo, etc.
Aviso.	Aviso.	Arrependimento do ladrão, penitência e salvação.	É o mesmo tema de comparação da variante anterior.
Salvação por intermédio da Virgem.	(aqui contaminação por um elemento do "Barba Azul") Salvação final devido à astúcia do herói.	(aqui dá entrada outra história que continua e sequência original: um tema de comparação e antítese, tão do gosto do povo um santo que já era servido pelos anjos, ouve deles a história do ladrão se envaidece de sua santidade e perde a alma por isso.)	

As duas últimas versões são quase um capítulo bíblico: o caso de Dimas, o bom ladrão, e de Gestas, o mau ladrão. "Hoje mesmo", disse Jesus ao bom ladrão, em face do seu arrependimento, "estarás comigo no paraíso." (*Lucas*, XXIII, 43.) Vem a propósito do arrependimento dos ladrões citar um dito sentencioso, popular no Estado de São Paulo: "Os arrependidos são os que se salvam", originário do Evangelho. Talvez as histórias citadas tenham sido inventadas apenas com o fito de explicá-lo. As crenças religiosas, deturpadas, fizeram o resto da construção.

A *Arte de Furtar* se refere a um gigante, o Gayão, Ladrão Gaião. De acordo com João Ribeiro (*O Folclore*, 1919), talvez seja esse Gaião o Gayant, de várias cidades da França, Douai e outras. Houve, pelo que se vê, fusão dos ladrões – e bíblico e o Gaião, nas variantes paulistas do afilhado do Diabo.

Provavelmente o Gaião, ou Gayant francês, é corruptela de Galalão, um dos cavaleiros do imperador franco-romano, Carlos Magno, de admirável bravura, mas que se desonrou pela traição e cupidez. Será o galalau, galalão ou galerão do vocabulário brasileiros, diz João Ribeiro. Tornou-se o tipo do bandido valente, ladrão venal, avaro, temido pela força ou pela gigantesca estatura. Há uma parlenda infantil brasileira, assim:

*João Galalão!
perna de grilo
orelha de cão.*

Perto de Prêro (Pereiro) Portugal, veem-se, no alto de um monte, os restos da Torre de D. Gaião ou Lagalhão. (*Leite de Vasconcelos – De Terra em Terra*, II.)

No folclore espanhol existe uma lenda – *O anjo e o ermitão* – recolhido por Aurélio M. Espinosa, parecida com a do ladrão Gaião, na sua variante paulista.

Havia um ermitão que era alimentado pelos anjos. Passou um homem preso e ele disse: "A esse, leva-o o Diabo." Por isso teve como penitência levar um galho seco de sarmento, em suas andanças pelo mundo e pedir esmola até que brotassem no galho seco três ramos verdes. Foi dar à cova de três ladrões. Ao contar sua história, os ladrões pensam em seus próprios crimes, que merecerão por certo maior castigo e se arrependem. Nesse momento, brotam três ramos verdes na haste seca.

Voltando ao inferno:

Nem sempre é uma casa grande. Um caipira da Alta Sorocabana, vendedor de farinha de mandioca e rapadura, contou que o inferno é uma olaria, na beira de um caminho. “É sim. Até sei de um caso que diz bem explicado que um homem foi atrás do Diabo e chegaram a um lugar que era uma antiga olaria. E um burro que estava puxado a almanjarra do amassador de barro era um compadre dele falecido há anos.” Aí está. Por volta de 1940, quando foi colhido isto, o inferno era uma olaria, à beira do caminho. Não há remédio senão escrever em círculo. Voltemos à lenda de Lucerna, citada páginas atrás. Na entrada do inferno, na Laguna das Lamas de Goa, vagavam livremente as almas transformadas em animais. Percebe-se nesta lenda uma curiosa inversão das antigas práticas totêmicas. Naquelas o homem descende do totem, geralmente um animal. Aqui a alma reverte ao animal, sem que tenha descendido dele.

“Do preconceito da proveniência de um tipo diverso do humano, surgiram e se propagaram entre os fetichistas muitas outras ideias de transformações congêneres, pois se o homem se gerou de um animal inferior pode ainda vivo, ou *post-mortem*, retornar à forma ancestral ou transfigurar-se em qualquer bicho. Estive eu próprio (é Basílio Magalhães que o diz) em contato com os bororós, e deles ouvi o mesmo que haviam afirmado os seus cotribais em 1888 a *Karb Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingu-Expedition – 1887-1888**: crê-se, geralmente, que o bororó, homem ou mulher, se transforma depois da morte em arara vermelha. Não comem essa ave, nem a matam, e lamentam quando morre alguma.” Como simples referência sugerida pela alma do compadre que estava no inferno em forma de burro, lembramos as primitivas teorias animistas, as crenças na metempsicose e as crenças licantrópicas, universalmente aceitas pelas subcamadas da civilização, e as lendas também universais da transformação de feiticeiros em animais, ou da transformação de qualquer pessoa em animal, feita por feiticeiros, sobretudo nas histórias maravilhosas do Oriente.

* Nota do Editor: Refere-se à expedição de Karl von den Steinen ao Brasil central (Mato Grosso e Rio Xingu), publicada em livro em Berlin, pela casa Hoefler & Vohsen, em 1894.

Os Tuvaches pensam que as almas dos mortos passam para o corpo dos cães. Na Itália e na França, os corvos contêm a alma dos culpados; e os indígenas de Pomotu, no Oceano Pacífico, creem que os réprobos podem escapar à sua sorte, escondendo-se no corpo dos pássaros. Os indígenas do Swan River não matam os corvos-marinheiros que pousam num rochedo em pleno mar, de medo de matar um ancestral. Os bassutos dizem que esta ou aquela serpente é possuída, isto é, ocupada por este ou aquele de seus antepassados. Na Bretanha e na Sicília, os sapos e outros répteis encerram a alma dos ancestrais. Na Irlanda, e mais frequentemente na França, os insetos alados, sobretudo as borboletas, servem de invólucro às almas dos defuntos, que de ordinário fazem penitência. (Laharpe, *Abrégé de l’histoire universelle des voyages*, II, 69.) Na Finisterra crê-se que os mortos tomam a forma de animais. Segundo a tradição peninsular, as almas dos mortos voltam a este mundo na forma de animais. (Adolfo Coelho – *De Algumas Tradições a respeito de Espanha e Portugal, a propósito de Estatingua*). Pitágoras reconhecia no latido de um cão a voz de um amigo morto.

Uma das mais interessantes definições é, com certeza, esta – colhida por Gustavo Barroso (*Ao Som da Viola*, 1921, citando versos de um coletor que vai para o inferno):

*Disse a alma: que padecer!
sofro eu eternamente.
Disse o Diabo: no depósito
das frutas de ruim semente...*

E eis uma inesperada modificação do inferno, que já foi casa grande e olaria e aqui passa a depósito de fruta.

Dona Geralda Cearense, uma costureira de carregação, que mora nas bandas do Pitéu (Cachoeira, 1933) disse que os mais velhos falam: “O nome certo do inferno é – Areias Gordas.” “Porque”, acrescentou, “é capaz que o inferno fique em algum areal.”

Para os tropeiros que berram palavrões (Cachoeira, 1930, mais ou menos), o inferno e o quinto são a mesma coisa. E não é raro ouvi-los juntarem os dois nomes, gritando: “Burrada dos quintos dos infernos!”

O avô do autor, que é português, semi-alfabetizado, e que assimilou quanta crendice ouviu por estes brasis, desde que aqui chegou com catorze anos, sonhando sonhos de ouro, diz que o inferno é a casa de Pedro Botelho.

É interessante registrar como se relaciona inferno com centro. Centro do inferno, dizem. Centro dos quintos. Meio do inferno. E uma moça, instrução primária, surpreende-nos um dia (1940) com este desejo: “Tem dia que a minha vontade é ir para o centro dos coentros.”

Um caipira do Embaú (São Paulo) variou a denominação. Esse não diz centro; diz: profundas, corrupção de profundezas. Manda a mulher, os filhos, amigos e inimigos – principalmente quando bebe demais –, para as profundas dos infernos.

Com referência aos quintos, há isto:

Os infernos da mitologia grega e romana eram quatro: Érebo, o inferno dos maus, o Tártaro e os Campos Elísios. Se contarmos com o vestibulo, passagem que conduz aos abismos onde habitavam a Dor, as Moléstias, o Sono, a Guerra, as Eumênides, em suas jaulas de ferro, a Discórdia, cuja cabeleira está entrelaçada de serpentes, e de fitas ensanguentadas; a Hidra de Lerna, Gorgones, Harpias e outros espectros apavorantes; se contarmos com essa passagem, os infernos serão cinco.

Para acabar com o assunto – inferno –, algumas crendices.

Evitando repetições, adiantamos que foram todas colhidas em Cachoeira ou em seus arredores, nos bairros de Lagoa Seca, Morro Vermelho, Comuna, Pitéu e Palmital. As informantes são antigas amizades da avó da autora, gente do tempo de “dante”, cultoras de tradições, que alimentam inconscientemente o fogo sagrado. A mais nova, isto é, a menos idosa dessas velhas rezadeiras, fez 62 anos.

Daremos, um pouco no ar, uma data aproximada: 1930/40. A diferença, se a houver, não ultrapassará uma década.

Uma velhinha disse que quem morre de parto ou de tuberculose não vai para o inferno, porque só o sofrimento que é morrer dessas doenças lima de todo pecado. “São as duas mortes mais doídas que *hai*.”

As litâneas cantadas, entre os peles vermelhas, à mulher que morre de parto, fazem alusão ao acontecimento e ao feliz destino da defunta. Como em diversos países da Europa, os groenlandeses creem que ela irá diretamente ao paraíso. (Helen Russel Emerson – *Indian Myths or legends of aborigenes of America*, 183; Laharpe – *Abrégé de l’hist. Univ. des voyages* – Paris, 1816, XVI, 196). Entretanto, no Japão, as mulheres mortas de parto com o filho, aparecem tendo nos braços a criança e suplicando aos passantes: “Tomai meu filho, para que ele não fique na sepultura.” Na Amboína, a mulher que morre grávida ou em trabalhos de parto se transforma numa espécie de demônio. Na Índia, aquela que morre dentro dos quinze dias que se seguem ao parto, sem ter sido purificada, transforma-se num demônio chamado Churel, que ataca as jovens mães. (*Tour du monde*, XVI, 410; Laharpe, op. Cit. 356.)

Siá Maria Boleira acrescenta outra causa-mortis passível de bem-aventurança eterna. Afirma que quem morre de queimadura não vai para o inferno.

“Tinha graça” diz. “Ser queimado aqui e queimado lá...” Há um paralelo interessante na Espanha. A jovem que peca com um sacerdote vai para o inferno, a não ser que neste mundo morra queimada – *Contribucion al folk-lore de Astúrias*. L. Giner Arrivau. *Biblioteca de las tradiciones españolas* – Tomo VIII, Madrid, 1886.

Quem é devoto do rosário não vai para o inferno.

Quem reza cada vez que se lembrar, um padre-nosso e uma ave-maria, oferecidos às cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo – não vai para o inferno.

Quem é devoto de São Miguel não vai para o inferno. Diz-me que no céu há uma balança. Quando alguém morre, São Pedro põe nela, de um lado as más ações e do outro as boas, do recém-morto. São Miguel é quem pesa, por isso é muito bom ter devoção com esse anjo. Na hora de pesar ele põe um cabelinho do lado das boas ações, quando a alma é de um seu devoto, está visto. A balança pende para aquele lado e vai-se para o céu.

A pesagem das almas é uma crença antiquíssima. Os arqueólogos a conhecem com o nome de psicostasia. No zoroastrismo, após três dias de espera, a alma deixa o corpo, acompanhada por seu daimon (teoria etrusca) apresenta-se e é julgada por três juizes que lhe pesam as ações. Também nos afrescos medievais vê-se o anjo que pesa com a balança as ações da alma que se lhe apresenta (Anita Sepili, - *O Diabo na lit. e nas artes* – Rev. do Arq. Mun. nº LXXXV). A pesagem das almas por São Miguel é encontrada em Portugal, exatamente como é conhecida entre nós, com exceção do pormenor sobre o cabelinho do arcanjo. (*Folclore do concelho da Figueira da Foz* – M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, 1910.)

Crianças que morrem pagãs não podem ver Deus. Ficam no inferno, não no fogo, mas num lugar escuro. Até aqui é apenas o limbo bíblico. Há mais. Dizem que essas crianças gemem durante sete anos, uma noite em cada ano. Se, na hora em que gemerem, houver alguém de coragem que as batize em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, voam no mesmo instante para o céu. Se não houver, ao fim de sete anos, transformam-se num duende chamado Saci Pagão.

Em Creta e na França, as crianças mortas sem batismo se transformam em fogos-fátuos. A mesma crença, nos Países-Baixos, completa-se assim: esses fogos-fátuos se precipitam para a estrada, mostrando os passantes a água que servirá para seu batismo.

Quando Deus atira a alma no inferno, do jeito que cair assim ficará eternamente. Se cair de lado, fica de lado. Se cair de bruços, fica de bruços. Se cair de cabeça, ficará de cabeça.

O castigo de quem vai para o inferno é assar no fogo. Outros dizem que é ferver na água “pelando”. Outros que é deitar numa cama cheia de fogo. Outros que é trabalhar para sempre, sem descanso.

Na Ucrânia há um castigo sui-generis. Dizem que a Virgem, descendo aos infernos, viu homens amarrados a postes flamejantes; os diabos lhes rasgavam a boca e forravam-na de novelos, dos quais iam saindo os fios. São Miguel informou que eram os tecelões que roubaram em vida os tecidos e os fios de outrem (Sébillot – *Les Boulangers – Le Folklore* – 303.)

E esta foi contada por uma senhora que, por sua vez, a ouviu do marido, alfaiate:

Havia um alfaiate que roubava pano de todos os fregueses. Um dia sonhou que tinha ido ao inferno. Chegou ao alto de um morro e viu lá embaixo, no vale, o inferno, com uma bandeira de muitas cores hasteada. Quando chegou bem perto, percebeu que a bandeira era feita de todos os retalhos que ele tinha roubado dos fregueses. Acordou muito assustado e nunca mais enganou ninguém. (Cachoeira, 1930.)

Cornélio Pires reconta este caso em um de seus livros.

...E SEUS CAMINHOS

- Minha avó me contou. É o que os mais velhos falam é certo.
Lá está no Sermão da Montanha, Evangelho segundo *São Mateus*, VII, 13, 14:

“Entrai pela porta estreita; porque *larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição*, e muitos são os que entram por ele; porque *estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida*, e poucos há que o encontrem.”

Um velho fazedor de balaios e de peneiras (Vale do Paraíba, 1938) contou que o inferno é uma casa grande com porta de ferro, no fim de um caminho muito bonito, forrado de flores. Certo caipira, puxador de enxada (Fazenda Campestre, Minas Gerais, 1939) dizia que quando a gente morre encontra dois caminhos. Um cheio de pedras e de espinhos, outro coberto de rosas. Quem escolhe o caminho coberto de rosas vai direto para o inferno. Explica que sabe bem isso porque sempre ouviu os mais velhos falarem. No Vale do Paraíba a mesma crença encontra correspondente exato:

Um pedreiro analfabeto contou que quando a gente morre encontra duas estradas: uma larga e cheia de flores e outra estreita e espinhenta. A estrada larga e cheia de flores vai dar no inferno.

Em Cachoeira (1929/32) as meninas do grupo escolar diziam que, para ir para o céu era só escolher o caminho cheio de espinhos depois da morte.

É corrente no México o hábito de pôr sapatos nos mortos, o “*guarache*”, sandália tosca de couro, calçado típico do indígena, pois crê-se que, sem ele, não poderão percorrer o caminho cheio de espinhos e abrolhos para chegar à outra vida. (Ana S. Cabrera – *Rutas de América*.)

Uma costureira diz também o mesmo. Fala das duas estradas, uma larga e florida; outra estreita e espinhenta.

- Mas eu já sei – conclui, astutamente – escolho a estrada espinhenta.
- Como é que a senhora sabe que é assim, se quem vai lá não volta para contar?



O GRANDE DECAÍDO



CONSIDERAÇÕES GERAIS

O mecanismo do aparecimento do Diabo é muito complexo. Podemos destacar, de modo racional, três causas subterrâneas: medo, fogo e morte. E outras: senso de equilíbrio e um penoso sentimento de descompensação. Vê-se aí o rudimentar sentimento de justiça e equilíbrio inato em todo ser humano, de que vem o inferno, tendo o Diabo seguido o mesmo caminho. Para explicar a sua persistência, aí está a religião.

Os druidas reuniram, organizaram e sistematizaram as superstições dos celtas. No Egito foi a classe sacerdotal que preservou a religião de que nasceu. Foi a classe sacerdotal que estabeleceu solidamente o Diabo na posição em que está e aproveitou dos mitos o que eles tinham de humano e eterno.

Nada melhor que a razão, isto é, o sofisma, eloquente, malicioso e justo, dada por um provérbio escocês: “Se o Diabo estivesse morto, o povo faria pouco da graça de Deus.”

A assombrosa vitalidade do Diabo, mito criado pelo próprio homem e que o escravizou, tem o imperativo dos atavismos sobrepostos. Fixou-se à força de repetição, como um prego entra fundo na madeira, à força de repetidas marteladas. Quando sai, se sair, deixa marca. Não há cepticismo, não há ciência, não há confiança que apague esse sinal.

O cristianismo afirma que o Diabo existe. Grande religião sintética, como a define Gustavo Le Bon, resumo das religiões do mundo antigo, tem o poder acumulado de todos os deuses, e de todos os prestígios da terra. O homem foi

Sem mais comentários a respeito, acrescentem-se como indiretamente relacionados com os nomes acima: Feio e Mal-Encarado – o último colhido por Carvalho Ramos (*Tropas e Boiadas*, pág. 45). São do mesmo gênero daqueles e derivados da aversão pelo feio e pelos aleijões, comum nos meios populares.

Francisco Perez de Lima recolheu estes dois nomes no Acre: Cabra-Velho e Vei-Cão-Cocho, (*Folclore Acreano*). No último juntaram-se as principais características do Diabo. Vei-cão-cocho, além de eufemismo, é um resumo.

Encontra-se em *Ao Som da Viola*, de Gustavo Barroso: Sapucaio. Será alusão à sapucaia, se essa árvore tiver no Norte a mesma função da figueira brava e do angico aqui no Sul: abrigo de demônios. Nada achamos neste particular. Couto de Magalhães (*O Selvagem*), informa que capucaia significa, tanto em tupi, como em guarani, o que grita. No Pará, os tupis chamam à galinha: çapucaia. Até onde çapucaia está aparentada com sapucaio, não pudemos saber.

Capiroto, nome recolhido por Leonardo da Mota (*Vaqueiros e cantadores*, pág. 22), sim, sugere uma franca ascendência indígena. Veja-se a raiz – caa (folha, mato, monte) ou caapi, (capim, matinho) segundo Teodoro Sampaio – *O Tupi na Geografia Nacional* – e sua relação com um demônio da mitologia indígena, tão fértil em duendes dos bosques, isto é, da floresta: caapira, cahapora, ou caipira (Couto de Magalhães, op. cit.). Como a lenda informa que o Diabo anda de capa e capuz, mencione-se capirote, a antiga palavra portuguesa, significando capuz. Ou – e isto é mera suposição, sem fundamento – será capiroto corrupção de caipirote? Não é descabido imaginar-se isso, conhecendo-se a desdenhosa tolerância com que chamam ao Diabo: - Moleque e Rapaz.

Assim:

Caapira, caipira – caipirote, capiroto

Capirote (capuz)

Duende do mato, demônio e mais capuz. Será?

E aí está como, pelo medo, pela religião e pelo rancor, o Diabo, se na cidade é Diabo mesmo, por esses cafundós de Brasil sertanejo é tudo isto:

AQUELE ARRENEGADO **BELZEBU** BICHO-PRÉTO
 BRUXO DO INFERNO BEIÇUDO CABRA-VELHO **CANHIM**
 CANHOTO **CAPA PRETA** CAFUTE CAPATAZ CAPATÁ
CÃO CÃO MIÚDO CAOLHO **CAPIROTO** CAFUTINHO
 CAPA VERDE **CAPETA** CUSA-RUIM **CHIFRUDO**
COISA COISA-RUIM COISA MÁ COISA-RUIM-MAIS-VELHO
 COISA-RUIM-TEM-TEM **CONDENADO** CUISA MÁ **DEMO**
 CORNUDO COXO **CUJO** DANINHO **DANADO**
DEMÔNIO DIABO DIA **DIÔ** DIU **DIAU** DEBO
 DIABO RENGO **DIANHO** DIANGAS **DIANGRAS** **DIABO COXO**
DROGA DIACHO **ESPÍRITO MAU** DOMINGOS PINTO
 FEIO DRALE **ELE** EXCOMUNGADO **GATO PRETO**
FERRABRÁS FIGURA **FÚRIA** FUTE FUTRICO MAIORAL
 IMUNDO **INIMIGO** LOBISA **LÚCIFER** LUZBEL
 MAL-ENCARADO **MALIGNO** MALINO **MAU** MOFINO
 MALDITO **NÃO-SEI-QUE-DIGA** MOLEQUE DO SURRÃO
MOLEQUE PÉ-DE-PATO PÉ-DE-PEIA PEITICA RABUDO
 PATRÃO PEPE **PEDRO BOTELHO** RABÃO
PORCO SUJO RAPAZ PORCO PERO BOTELHO **SATÃ**
 RAMÃOZINHO **ROMÃO** ROMÃOZINHO SAPUCAIO TENTADOR
SATANÁS SUJEITO SUJO **TENTAÇÃO** TIÇÃO
 TISNADO **TINHOSO** VEI-CÃO-COCHO **VELHO**

Agora alguns dos nomes acima, ouvidos aqui e ali, em São Paulo e Minas, comentados mais extensamente:

DIABO = DIANHO = DIACHO = DIANGAS

Segundo as crenças etruscas, adotadas pelos seguidores de Zoroastro, as almas tinham demônios que as tentavam em vida e as conduziam diante de três juízes, após a morte, para o julgamento. A etimologia de *Diábolos* – do grego διαβολος, aquele que leva a juízo, geralmente mais empregado no sentido de acusador, caluniador, leva-nos à origem persa dessa entidade tentadora. O Grand Larousse consigna mesmo *Diabolein* – tentador (do grego). Note-se a crença nesse demônio tentador, *que depois da morte leva a juízo*, coincidindo com o anjo-da-guarda das lendas cristãs, nascido da opulenta angelologia persa. Desta mesma fonte vieram Tentação e Tentador, este consignado no *Vocabulário Analógico* de Firmino Costa.

Diábolos, que deu o latim – diabolus, naturalmente irradiado do Lácio para o resto da Itália, França e Península Ibérica, radicou-se nas línguas de formação neo-latinas. Deu, por abrandamento, *Diavolo*, na Itália, *Diable* e *Diablo*, no francês e no castelhano; e por apócope, *Diabo*, em português = *Diabo/lus*.

Hécate, identificada com Diana ou Ártemis, a quem se cultuava como protetora dos mortos, e era deusa do inferno, mito sujeito à inevitável ação transformadora do tempo e das migrações, através das religiões e dos povos, chocando-se com o mito – diabolus – já transformado em diablo e diabo, passou a ser o diaño, na Península Ibérica.

Diaño, atravessando o Atlântico, por ocasião dos descobrimentos, com a gente portuguesa, deu o Dianho dos nossos tabaréus.

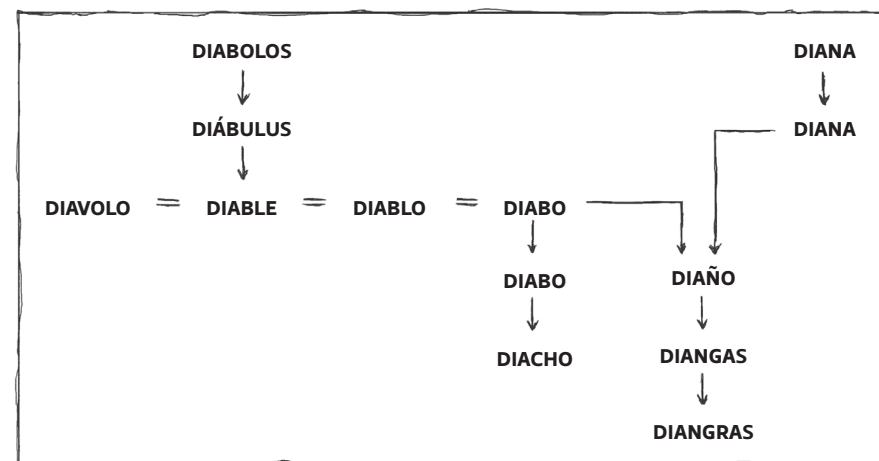
Assim, Dianho não é mais que o masculino de Diana, sem mudanças apreciáveis em suas características essenciais. Em nova corruptela, deu Diangas, este último citado no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

E Diabo corrompeu-se por sua vez, novamente, em Diacho.

Aliás, veio corrompido de Portugal.

Leite de Vasconcelos em *Filologia*, 399, dá as variações – diacho, dianho, dianga e diangras. A *Revista Lusitana*, XI, 310, dá o termo “Diasco”, usado pelos portugueses do norte.

Poderíamos figurar a evolução desses nomes assim:



IMUNDO = SUJO = PORCO = PORCO SUJO

Uma velhinha prosa, do Pitéu (Cachoeira), 1940 mais ou menos, contou que pato é “bicho” do Imundo. Nunca mais ouvimos chamar o Diabo de Imundo, a não se dessa vez. Mário de Andrade afirmou que é um nome comum. Imundo e Espírito Imundo são frequentes na Bíblia. Citemos ao acaso: “Ora, na sinagoga, achava-se um homem possesso do espírito imundo.” (*S. Marcos*, I, 23.) “E os imundos espíritos suplicam a Jesus...” (*Idem*, V, 12 – *Mateus*, XII, 43.)

A relação do demônio com sujeira é popular. Maria do Crispim, nascida em Areias (São Paulo), casada com um pedreiro, em lugar de Diabo, diz Sujo. Também Lindolfo Gomes o trata com essa desconsideração em seus *Contos Populares*. E aqui está um conto que se prende ao vocativo – Sujo:

“Uma mulher, certa vez, brigou com o marido. Para se vingar, deixou de limpar a casa, não se lavou nem se penteou mais. Vivia suja e esmolambada que dava nojo. E então a mãe dela veio e avisou: - Minha filha! Não faça isso, que isso é tentação do Diabo. Ele é sujo. Escute o que digo. O Diabo apareceu e a moça conseguiu escapular e, assim que se viu livre, foi tratando de se limpar.”

Basílio de Magalhães. (*O Folclore no Brasil*) consigna um apelido mais vigorosamente insultante: Porco Sujo. Este mesmo nome foi dado ao Diabo em



ANDEM POR TRÊS



“Era uma vez um rei que tinha uma filha muito bonita, e essa princesa gostava de dançar às sextas-feiras num misterioso lugar que ninguém, nem mesmo o rei, sabia onde era. Certo dia um oficial do rei viu-a entrar numa carruagem desconhecida, puxada por bonitos cavalos, e foi correndo contar ao rei o que tinha visto. Na sexta-feira seguinte, de acordo com o soberano, mal a carruagem parou, ele se escondeu no guarda-malas. Primeiro viu descer um homem todo vestido de preto, que ajudou a princesa a subir. O homem, que era o Diabo, subiu também e ordenou aos cavalos:

- Andem por dois.

Porém os animais nem se mexeram, pois não havia duas pessoas na carruagem e sim três, contando com o oficial escondido. O Diabo ficou intrigado, mas, pensando que a princesa estivesse grávida, deu nova ordem:

- Andem por três

Os cavalos partiram imediatamente, mais voando que correndo, e em três tempos estavam no inferno.

Lá, a princesa foi tratada com a rainha da festa. Começou o baile e o oficial, escondido pelos cantos, pode ver tudo à vontade. Notou, muito admirado, que todos dançavam de rabo erguido, para que uns não pisassem no rabo dos outros, e a festa não acabasse, assim, em pancadaria. Ao se aproximar a meia-noite, o rapaz correu e se escondeu novamente no guarda-malas, tendo, antes, o cuidado de encher os bolsos com doces do inferno. Poucos minutos

depois, Dom Diabo saiu muito lampeiro, de braço com a princesa, acomodou-se no carro e gritou:

- Andem por três

O eco ainda não tinha respondido a estas palavras e já estavam chegando ao palácio do rei.

O oficial contou tudo ao pai da moça, e mostrou-lhe os doces que tinha trazido. Vai então o rei e fez uma grande festa, distribuindo convites para todos os reinos vizinhos. No dia da festa, a princesa ficou muito admirada e temerosa ao notar que todos os doces eram parecidos com os que costumava comer no inferno. A meia-noite em ponto, tocaram uma linda valsa e a princesa deveria dançá-la no meio do salão, somente ela e seu par. Então notaram todos que ambos tinham rabo. O rei, indignado, expulsou-os do palácio. Eles saíram às pressas e embarcaram na carruagem que de hábito os conduzia.

O Diabo foi logo dizendo:

- Andem por três.

Os cavalos ficaram parados. O diabo, encafifado, começou a dizer:

- Andem por quarto.

- Andem por cinco.

- Andem por seis.

E nada de saírem os cavalos do lugar. A princesa foi quem o tirou do apuro, passando a dar ordens:

- Andem por dois – disse ela.

Foram para o inferno, imediatamente, e o rei morreu de desgosto.”

(Fazenda Santa Maria, Bragança, 1945. Informante: mulher idosa, semi-alfabetizada, lavradora.)

“Certa moça, filha de fazendeiro, ficava horas e horas sentada na varanda, olhando a estrada. Um dia, passou um moço muito bonito. Ela gostou dele imediatamente. No outro dia ele passou à mesma hora. Ficaram noivos, por fim, e se casaram. No dia do casamento houve um festão. À tarde, o noivo disse que queria levar a mulher para a casa dele. Montaram num cavalo só – ela na garupa – e partiram. A moça começou a reparar que nunca chegavam. Perguntou ao marido: - Ainda fica longe? – Mais um bocadinho de estrada – respondeu ele.

Anoiteceu, e ela, com medo, tirou o terço e começou a rezar. O marido, muito bravo, jogou-a no meio da estrada e desapareceu. Então foi que ela percebeu que tinha se casado com o Diabo.” (Sul de Minas, 1928. Informante: roceira, muito crédula, analfabeta.)

“Morreu um homem e deixou muito dinheiro, porém a viúva não mandou dizer nem uma missa por alma dele. O vigário foi então à casa dela e perguntou-lhe a razão de procedimento tão estranho, e se ela não iria mandar rezar missa pelo defunto.

- Não vou, não “seu” Vigário.

- Mas que pecado, filha! Por que não?

- Porque, se ele estiver no céu, não precisa de missas. Se foi para o inferno, não adiantam missas. E se foi para o purgatório... ora! Se foi, é lá mesmo que eu quero que ele esteja.”

(Cachoeira, 1939. Informante: mulher idosa, sem instrução.)

“Um homem saiu de sua terra e passou anos sem notícias da família. Um belo dia encontrou um velho conhecido e perguntou dos parentes. O outro disse que o pai dele tinha morrido.

- Sofreu muito para morrer? – perguntou pesaroso.

- Qual nada! – disse o outro muito depressa. – Teve morte muito suave. Fez só umas caretinhas, deu com o rabo na cerca e entregou a alma ao Diabo.

(Dezembro, 1946 – Cachoeira. Informante: mulher de meia-idade, instrução primária.)

“Um morador de Palmital era muito perseguido pelo Coisa-ruim. Uma ocasião precisou fazer uma viagem para os lados da Bocaina e não deu jeito de voltar de dia. A noite estava escura como breu. Ele quase nada enxergava e era levado pelo animal, que caminhava a passo. De repente, o animal começou a caminhar a trote largo, sem dar mostras de cansaço. Da curva do caminho, o homem avistou a porteira do sítio onde morava. Ficou contente por estar perto de casa. Esporeou o cavalo, mas o animal, em vez de correr, começou a resfolegar e a andar de banda. Quanto mais se aproximava da porteira, mais o animal se inquietava. Não havia meio de poder controlá-lo. Ele corcoveava, quase jogando o cavaleiro ao chão. O homem ficou com os cabelos em pé. Nisso a porteira se

Pertencem ao folclore universal as práticas para aprisionamento dos duendes com a feição típica do Saci, isto é, algo temíveis, mas nem bons nem maus, serviçais e cumpridores da palavra dada. No Brasil, principalmente na zona valparaibana e Sul de Minas, prende-se o Saci nos redemoinhos, atirando-se neles uma peneira de taquara trançada ou um rosário de sementes de caiapiá. Prende-se o demônio, como se viu em capítulo anterior, sob o pilão da cozinha, para obriga-lo a encontrar coisas perdidas. Como refere Constantino Cabal, na Espanha as cozinheiras conseguiam que pequenos duendes as servissem, mas não conta se os prendiam.

“Um homem desconfiava da mulher e deixou o Diabo tomando conta dela enquanto ele viajava. Ela desafiou o Diabo a entrar numa garrafa, já que era tão poderoso, e quando ele entrou, fechou a vasilha com uma rolha onde tinha traçado uma cruz.” Assemelha-se esta lenda ao conto oriental “O Pescador e o Gênio” das *Mil e Uma Noites*.

O Rei Salomão tinha um anel e por seu intermédio escravizava demônios.

“Um homem prendeu o Saci e pediu um palácio, como condição para soltá-lo. No mesmo instante foi atendido, mas esqueceu-se de benzer a dádiva e nem bem soltou o Saci, o palácio sumiu.” (Fazenda do Romarin – 1939.)

Dizem que o poder do Saci está no gorro. De igual modo, Pedro Malasarte, popular na tradição oral da região em estudo, possuía um bonezinho com o qual conseguia todas as coisas, fazendo simplesmente o gesto de voltar-lhe o bico para trás. Em Roma, ainda no I século depois de Cristo, arrebatado um chapéu a um fantasma era dispor de todos os poderes (Petrônio – *Satyricon*, XXXVIII). No conto *Mamana-Burra*, aparece o gorro vermelho, sede do poder de um preto encantado. Cf. Apontamentos de Luís da Câmara Cascudo. Leite de Vasconcelos faz referência ao barrete vermelho do Demônio em Portugal e Aurélio M. Espionsa conta de um homem de gorro vermelho que era o Diabo, em Vilafranca de la Sierra, Ávila.

Como já se vê, o Demônio no Brasil não usa chapéu vermelho para se identificar, tendo esse sinal passado para o Saci, demônio menor.

No folclore asturiano há um diabinho muito parecido com o Saci. Parecido nos modos, entenda-se. É um diabinho com rabos e corninhos e anda coxeando. Um poeta asturiano que o viu afirma que:

.....coxicaba.

*Y los cuernos y el rao se tapaba
con um gorrete por la mor del xelu...*

(Francisco Gonzalez Prieto – *El Folklore Artístico Asturiano* – I. Gijóns, 1921, 56.)

Constantino Cabal cita o caso de um trasgo de mãos furadas. Puseram-no em um moinho a contar grãos de linhaça e ele não pôde, por causa das mãos furadas. Desapareceu para nunca mais voltar. O nosso Saci tem as mãos furadas e, por isso, pode levar fogo para longe, passando a brasa de uma das mãos para a outra, pelo orifício e soprando-a. É provável que tenha vindo dessa crença o modo proverbial: “Ver o Saci soprar fogo”, usado para significar que alguém se meteu em apuros. Assim: “Fulano foi mexer com quem estava quieto e agora vai ver Saci soprar fogo, isto é, vai ter dificuldades.

No folclore luso há um curioso Fradinho de Mão Furada, que entra pelo buraco da fechadura e dá pesadelos (Leite de Vasconcelos – *Tradições Populares de Portugal*.) Martim Sarmento colheu em Guimarães a seguinte oração contra o pesadelo:

*São Bartolomeu me disse
que me deitasse e dormisse
sem medo ao mar e à onda
ou ao homem de má sombra
nem do velhaco pesadelo
que tem a mão furada
e a unha revirada.*

De grande vantagem é ter o pesadelo as mãos furadas: Por mais que ele queira tapar a boca do pobre dorminhoco, sempre entra ar. O Fradinho de Mão Furada é, segundo Joaquim e Fernando Pires de Lima – *Tradições Populares de Entre Douro e Minho* – um caso lendário de ectrodactilia.

Amadeu de Queiroz conta que sua avó, brasileira, o ensinava em menino a dizer, antes de dormir, para afugentar pesadelos: “Fradinho da mão furada, de

dedo acotovelado, antes que o sol vá e venha passe no mar três vezes” (Silveiras, há mais de sessenta e cinco anos – informação dada em 1947, em São Paulo).

Deduz-se que de Portugal venha a mão furada do Saci, e conclui-se também que o tal Fradinho é na Península o que popularmente se chama entre nós Pisadeira.

A antiga lenda peninsular do duende de mãos furadas se bifurca com a mudança de continente. Um ramo, encontrando-se com o Saci, dá o incrível diabinho de mãos furadas. O outro encontra o Pedro Malasarte e dá origem à lenda que afirma: Pedro Malasarte está no céu contando trigo. Quem contou isto foi um caipira da Alta Sorocabana: “Acontece que, quando Pedro Malasarte morreu, por causa de umas artes que fez aqui no mundo, não pode entrar no céu. Foi ao inferno e também não pôde entrar, porque já tinha tapeado o Diabo e o Sujo não queria saber de prosa com ele. Então tornou a voltar ao céu e pediu a São Pedro: – Me deixe só ficar sentado aqui na porta. Quero ter o gosto de dizer que já estive sentado na porta do céu. – São Pedro consentiu. O Malasarte atirou o bonezinho lá para dentro, foi buscar o tal bonezinho e depois ficou de uma vez no céu, porque quem entra no céu não sai mais. E acontece que Deus disse: - Não quero que você fique aqui dentro virando a cabeça de tudo quanto é santo. Já chega o Pedro que você enganou. – Arranjou um montão de trigo e deixou o Malasarte a um canto, contando os grãos, para que ele não tenha tempo de conversar com ninguém”.

No *Portugal Antigo e Moderno*, lê-se que na Ponte de São João, ao pé de Guimarães, alguém que adoece vai ali à meia-noite, levando um padre ou uma benzedeira que lhe leia exorcismos. Concluída a leitura, o doente atira da ponte abaixo “meio alqueire de milho miúdo ou painço e depois três punhados de sal, largando depois a fugir, sem olhar para trás. O Diabo vai contar e deixa a criatura em paz.” (Leite de Vasconcelos.)

Lê-se em Ovídio (*Fastos*, V, 421) que, para expulsar as almas do outro mundo, era assim o rito antigo:

Levantar-se à meia-noite; ao atravessar a casa com pés descalços, dar estalos com o dado médio e o polegar; meter favas pretas na boca e deitá-las ao chão, voltando a cabeça e dizendo: “Aqui tens o que te dou, com estas favas me resgato”.

Os espíritos apanham as favas e, satisfeitos, vão-se embora.

Os montículos das dunas da costa de Finisterra representam os montes de areia que as fadas culpadas foram condenadas a contar.

Voltando ao Saci:

Esse diabinho com sua feição particular de autor de malfeitorias miúdas está em todos os folclores. Todos os povos têm esse estranho ser que não é bom, nem tampouco mau. É o Puk, da Inglaterra, Kobold, da Alemanha; Troll, na Suíça; Goblím, Lutín, na França; Gnomo dos contos de Grimm, baseados em lendas populares; gnomo germânico do Reno; o Homenzinho Cinzento da Silésia; Follet, o duende catalão; Blue-Devil, escocês; Fradinho e Manquinho, em Portugal; Zangão, também luso; Mandinga e Saci, na América do Sul; Diabo Burlão, nas Astúrias (ver *Contribución al Folk-Lore de Astúrias* – L. Giner Arrival, in *Bib. de las Trad. Pop. Esp.* Tomo VIII, Madrid, 1886). Diabinho são os Brownies irlandeses, os Anões da Bretanha e os Sátiros da Mitologia Grega.

Em todos os povos usam eles gorrinho vermelho. Seus característicos são os mesmos do Saci: pequenos, vivazes, inquietos, turbulentos, prestativos e leais.

Na Espanha andam vestidos de vermelho (Calderon – *La Dama Duende*). Capmani narra que na calle del Duque de Liria apareciam duendes vestidos de vermelho.

Fazem artes como qualquer criança mal-educada.

Provêm da morte de crianças, geralmente, como se depreende de suas lendas. E provêm, por vezes, do fogo, e neste caso têm do mito do fogo a sua vivacidade: são vermelhos, chispantes, inquietos, como labareda viva.



F I M

BIBLIOGRAFIA

ABBADIE, M. Basques Légendes. Calcutá, Índia: Superintendent of Government Printing, 1909

ALIGHIERI, Dante. The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno). Translation and notes by Dorothy Sayers. Penguin, EUA, 1949

AMARAL, Amadeu. Tradições populares. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948

AMBROSETTI, Juan B. Supersticiones y leyendas – Región Misionera – Valles Calchaquíes – Las Pampas. Buenos Aires: Ed. La Cultura Argentina, 1917

ALMEIDA, Alúisio de. Vida e morte do tropeiro. São Paulo: sem dados de editora, 1949

ANDRADE, Mário. Namoros com a medicina. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939

ARINOS, Afonso. Lendas e tradições brasileiras. São Paulo: Tipografia Levi, 1917

_____. Lendas e tradições brasileiras. Rio de Janeiro: Ed. Briguiet, 1937. 2ª ed.

- BARROSO, Gustavo. *Através dos folk-lores*. São Paulo: Melhoramentos, 1927
- _____. *O sertão e o mundo*. Rio de Janeiro: Ed. L. Ribeiro, 1923
- _____ e LIMA, Hildebrando. *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1943
- BATALHA, Ladislau. *Historia geral dos adágios portugueses*. Paris: Editora Alliaud e Bertrand, 1924
- BAZÁN, Emília Pardo. *El Folklore Gallego en 1884-1885*. In “Sus actas, acuerdos y discursos de Emilia Pardo Bazán, presidente y memoria de Salvador Golpe, secretario”. Madrid: Tip. Ricardo Fe, 1886
- BLADÉ, Jean. *Contes populaires de la Gascone*. Paris: Maisonneuve frères et C. Leclerc, 1886
- BRAGA, Teófilo. *Romanceiro Geral Portuguez*. Lisboa: Ed. M. Gomes, 1906
- _____. *Cancioneiro geral*. Lisboa: Ed. Bertrand, 1902
- CABAL, Constantino. *Mitologia ibérica - supersticiones, cuentos y leyendas de vieja España*. Oviedo: sem dados de editora, 1921
- CABRERA, Ana S. *Rutas de América*. Buenos Aires: Editores Peuser Ltda. 1941
- CAMARA, Paulo Perestrelo da. *Collecção de proverbios, adagios, rifãos anexins sentenças moraes e idiotismos da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.
- CAMPOS, Humberto de. *O Brasil anedótico. Frases históricas que resumem a crônica do Brasil-Colônia, do Brasil-Império e do Brasil-República*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940. 3ª ed.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. Porto Alegre: Editora Globo, s/d
- CASALIS, Eugène. *Les Bassoutos ou vingt-trois années de séjour et d'observations au sud de l'Afrique*. Paris: Librairie de Ch. Meyrueis et Cie., 1859.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Vaqueiros e contadores*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1939.
- _____. *Geografia dos mitos do Brasil*. São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1947.
- CENDRARS, Blaise. *Anthologie Nègre*. Paris: Editions de la Sirène, 1921
- CÊSAR, Osório. *Misticismo e loucura*. São Paulo: Editora Serviços de Assistência Psicop., 1939.
- CEZIMBRA, Jaques. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: sem dados de editora, 1912.
- CHAMPION, Selwyn Gurney. *Racial Proverb: A Selection of the World's Proverbs arranged linguistically*. Now York: Macmillan, 1938
- CHAVES, P. *Rifoneiro português*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1928
- CHUAQUI, B. (1942): *Dos razas a través de sus refranes. Estudio comparado de paremiología árabe-española*. Santiago de Chile: Impr. Nascimento, 1942
- CLAVIJERO, Xavier. *História Antiga del México*. México: Imp. de Lara, 1844.

Clavel & cia, 1882

VIGÓN, Braulio. Contribución al folk-lore de Asturias: folk-lore del mar. Madrid: Editora, 1886.

VINSON, Julien. Le Folklore du Pays Basque. Paris: Maisonneuve, 1883

_____. Les religions actuelles, leurs doctrines, leur évolution, leur histoire. Paris: A. Delahaye et E. Lecrosnier, 1888

SOBRE A AUTORA

Ruth Guimarães dizia que sofreu três vezes em sua vida. Primeiro, por ser mulher; segundo, por ser negra; e terceiro, por ser caipira. Foi romancista, cronista, contista, poetisa, teatróloga, jornalista, folclorista, pesquisadora, tradutora e professora. Publicou mais de 50 livros, que vão de romances a traduções e peças de teatro. Ruth tinha mil facetas e uma habilidade nata para contar histórias. É a única escritora latino-americana a ter uma obra - Os filhos do medo - num verbete da “Enciclopédie Française de la Pléiade”, publicada pela Editora Gallimard.

Nasceu e viveu em Cachoeira Paulista, cidade localizada às margens do rio Paraíba do Sul, na região do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. Orfã desde cedo, foi criada pela avó materna, ajudando a cuidar dos irmãos mais novos. Casou com seu primo, o fotógrafo José Botelho Neto, sendo mãe de nove filhos, três deles com síndrome de Alport. Não tinha nem 18 anos quando veio a São Paulo, trabalhou como datilógrafa e estudou na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), sendo aluna de Fidelino de Figueiredo e Roger Bastide. Frequentou a antiga farmácia Baruel, localizada na esquina da Rua Direita com a Praça da Sé, em São Paulo, no final dos anos 1940 e início de 1950. Ponto de encontro de intelectuais, a Baruel girava em torno do farmacêutico-chefe Amadeu de Queiroz - também escritor - que recomendou a Ruth publicar seu primeiro livro, “Água Funda”. Foi discípula de Mario de Andrade. Colaborou com publicações famosas, como os jornais Folha de São Paulo - onde intercalava suas crônicas com Cecília Meireles e Carlos Heitor Cony - e diversos outros no

Rio de Janeiro e Porto Alegre. Foi professora de português na rede pública do estado de São Paulo, além de professora universitária em universidades do Vale do Paraíba. Teve tempo, ainda, de ser secretária de cultura em muitas cidades do Vale, além da já citada ocupação como integrante da Academia Paulista de Letras.

Sua obra é plural, assim como a vida dessa mulher que preferiu sempre se manter afastada da vida intelectual urbana, escolhendo continuar com seu povo de raízes negras e caipiras. Ruth Guimarães morreu aos 93 anos, em Cachoeira Paulista, devido a complicações geradas pela diabetes. Era dia 21 de maio de 2014.



SOBRE O PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico de “Os Filhos do Medo” foi definido depois de muita leitura, teste e experimentação. Desde o começo uma coisa era clara: a necessidade de que o leitor fosse transportado para o universo folclórico do livro. Com isso, era preciso representar o meio rural onde se passa a obra da maneira mais fiel e interessante possível.

O dualismo e o misticismo guiou o design do livro como um todo. O que é real? O que é imaginário? Durante toda a obra os depoimentos brincam com nossa imaginação, nos fazendo crer que aquilo relatado realmente aconteceu com a pessoa, e que pode muito bem acontecer com nós. O trabalho das ilustrações serviriam a esse propósito: brincar com a percepção e a imaginação do leitor, transportando-os para dentro do universo que o livro descrevia.

A particularidade do texto de Ruth, com tabela, diagrama, partitura e representações gráficas necessitava de um formato maior de livro. Decidiu-se usar o formato de 220x160mm, com margem superior de 15mm; inferior, 30mm; interior, 18mm e exterior 25mm, grade simétrica e páginas espelhadas.

O texto é composto pelas tipografias Constantia – desenvolvida por John Hudson em 2006 para a Microsoft – e Leitura Sans – desenhada pelo brasileiro Dino dos Santos. Procurou-se dar um ar mais contemporâneo para obra, trazendo a voz da autora para a atualidade.

Existe uma intervenção em cada ilustração, mas não é algo claro, demanda tempo ou mesmo que alguém fale para que seja notado. O tema de cada inter-

venção foi guiado pelo capítulo que ele abre. Algumas possuem alguma coisa, outras não, deixando a cargo de quem vê achar ou inventar algo nas linhas.

O papel é o Pólen Soft 80g/m². A capa tem o acabamento de verniz localizado sobre laminação fosca (BOPP). Este protótipo foi impresso na gráfica Inprima, São Paulo, no verão de 2017.

© RUTH GUIMARÃES, 1950, 2017

© CAIO HENRIQUE, 2017

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Joaquim Maria Guimarães Botelho

PROJETO GRÁFICO: Caio Henrique do Rosario Silva

ORIENTAÇÃO DE PROJETO: Cassia Carrara Domiciano e Fernanda Henriques

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos por acordo com Joaquim Maria Guimarães Botelho para o desenvolvimento de protótipo para o projeto de conclusão de curso e obtenção do grau de Bacharel em Design Gráfico pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Caio Henrique do Rosario Silva. Todos os direitos do texto aqui reproduzidos reservados ao detentor do copyright.

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

2ª edição, fevereiro de 2017

WWW.CAIOHENRIQUE.COM

